

A Tijuca em dois tempos: um patrimônio cultural da cidade a ser preservado

“Sejamos simples, como era simples a vida que levei na Tijuca”
Machado de Assis

A memória do bairro da Tijuca não pertence apenas aos tijucanos. Sem mencionarmos outros meios, a literatura, sobretudo a de Machado de Assis, fez do lugar um patrimônio no imaginário de seus leitores que, com ele, para chegar à Tijuca, percorrem a Rua Matacavalos (Riachuelo), passando pela Mata-Porcos (Frei Caneca) até o Largo do Estácio e, dali, pelo Caminho da Bica, seguem para São Cristóvão e, pelo Caminho do Engenho Velho (Hadock Lobo), podem chegar ao Andaraí.

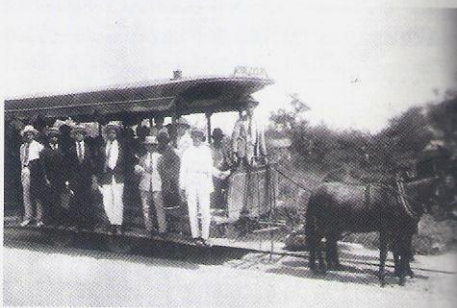
O que hoje é o bairro era a antiga Sesmaria de Iguaçu, onde os jesuítas, seus proprietários, construíram um engenho de cana-de-açúcar, o Engenho Velho. Em suas proximidades ergueram uma ermida, que posteriormente transformou-se na Igreja São Francisco Xavier.

Os jesuítas permitiam, mediante pagamento anual de aluguéis, estabelecimento de chácaras na região. Essa característica estrutural de ocupação foi mantida mesmo após a expulsão dos religiosos, em 1759, quando seus bens foram incorporados ao Fisco Real e a região da Tijuca loteada e vendida como chácaras e sítios. A partir de então, surgem os palacetes e vivendas de nobres e estrangeiros: o lugar começa a ganhar a fisionomia de um bairro, sendo muito valorizado pela proximidade com o centro da cidade e o ar puro da Floresta da Tijuca.

Já no século XIX, a agricultura intensiva do café na região havia devastado toda a Mata Atlântica, prejudicando o abastecimento de água na cidade, o que fez com que, em 1861, D. Pedro II (1825-1891) determinasse o replantio total da floresta, que acabou se transformando num imenso parque para uso público.



A Tijuca também fez história com a implantação do transporte de bondes na cidade. Em 1859, os primeiros bondes da América do Sul trafegaram de forma experimental no bairro. Eram carros de tração animal da Companhia de Carros de Ferro que, circulando do Centro à Boa Vista, eram chamados de “carros da Tijuca” ou “maxabombas”. Vários pontos do bairro ganharam seus nomes graças ao bonde: a Muda, em razão de ser local de troca de animais cansados por outros, para que se pudesse seguir caminho para o Alto da Boa Vista e, a Usina, por ser o trecho onde se situava uma usina termoeletrica que servia para alimentar as locomotivas.



Em 1870, a região já dispunha de serviços próprios às zonas urbanas como água encanada, esgoto e iluminação. A partir desse período, as chácaras começaram a desaparecer, e iniciou-se a abertura de ruas onde os grandes loteamentos permitiram a construção de casas em centro de terreno com quintal.

A história da formação da Tijuca e de seus arredores faz parte da história da cidade. Conhecê-la é importantíssimo para prestigiarmos seus marcos, que constituem patrimônio do bairro do século XXI.

No próximo número, falaremos sobre a Tijuca do século XX.

*Sônia Rabello - Vereadora
Líder do PV na Câmara Municipal do Rio de Janeiro*